

Texto: Socorro Acioli
Ilustrações: Daniel Diaz

Tempo de caju



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura

Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Francisco José Pinheiro

Secretaria da Educação
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário Adjunto
Maurício Holanda Maia

*Coordenadora de Cooperação
com os Municípios*
Márcia Oliveira Cavalcante Campos

Autora
Socorro Acioli

Organização e Coordenação Editorial
Kelsen Bravos da Silva

Preparação de originais
Lidiane Maria Gomes Moura

Projeto, Diagramação e Coordenação Gráfica
Daniel Diaz

Revisão
Marcus Túlio Dias Monteiro
Kelsen Bravos da Silva
Marta Maria Braide Lima
Haristelma Maria de Almeida Moreira

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Marta Maria Braide Lima
Leniza Romero Frota Quinderé
Haristelma Maria de Almeida Moreira

Sammya Santos Araújo

Catalogação e Normalização
Gabriela Alves Gomes
Maria do Carmo Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387t

Ceará. Secretaria de Educação.

Tempo de caju / Socorro Acioli; ilustrações de Daniel Diaz. – Fortaleza: SEDUC, 2008.

24p.; il.

ISBN: 978-85-62362-12-5

1. Lendas. 2. Fábulas. 3. Contos. 4. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5
CDU 37+028.1(813.1)



Para Maria Inez de Castro Martins,
que me ensina a compreender as lições do tempo...



Era uma vez um curumim que amava caju.
Seu nome era Porã.

Todo o povo de Porã também amava caju.
Mas era preciso ter paciência.

Os cajueiros passavam quase um ano
dormindo, sem dar frutos pra ninguém.

Quando as árvores acordavam, a aldeia
de Porã fazia festa.



As copas verdes ficavam coloridas de frutos amarelos, avermelhados e alaranjados, pareciam pedacinhos do sol.



Os índios comiam, bebiam e respiravam o vento doce dos cajus enquanto durava a festa.





Até que os cajueiros voltavam a dormir.
Continuavam dando sombra e sossego,
abraçando os curumins nos seus galhos...
mas caju, que é bom, só no ano seguinte.

Quando o último caju era colhido, cada
índio escolhia uma castanha bem bonita e
guardava em uma cabaça secreta, que eles
enfeitavam e escondiam como um tesouro.

Para cada castanha guardada, mais um
ano de vida se contava.

Porã tinha quatorze cajus no dia em que
seu povo acordou assustado. Com os ouvidos
no chão, os índios guerreiros perceberam que
uma gente inimiga estava a caminho.

Só deu tempo de cada um pegar a sua
cabaça e fugir. Os curumins foram embora
olhando para trás, dando adeus aos cajueiros
da infância.





Porã tinha duas cabaças para levar: a sua e a do seu avô. Antes de morrer, o sábio Tamandaré deixou as setenta castanhas de sua vida de herança para ele, seu neto mais velho:

– Essa é a proteção do nosso povo, Porã.
Guarde com muito cuidado.

Era uma cabaça enfeitada de lindos peixinhos que só Tamandaré sabia desenhar. Porã pendurou seu tesouro com uma alça no pescoço e partiu.



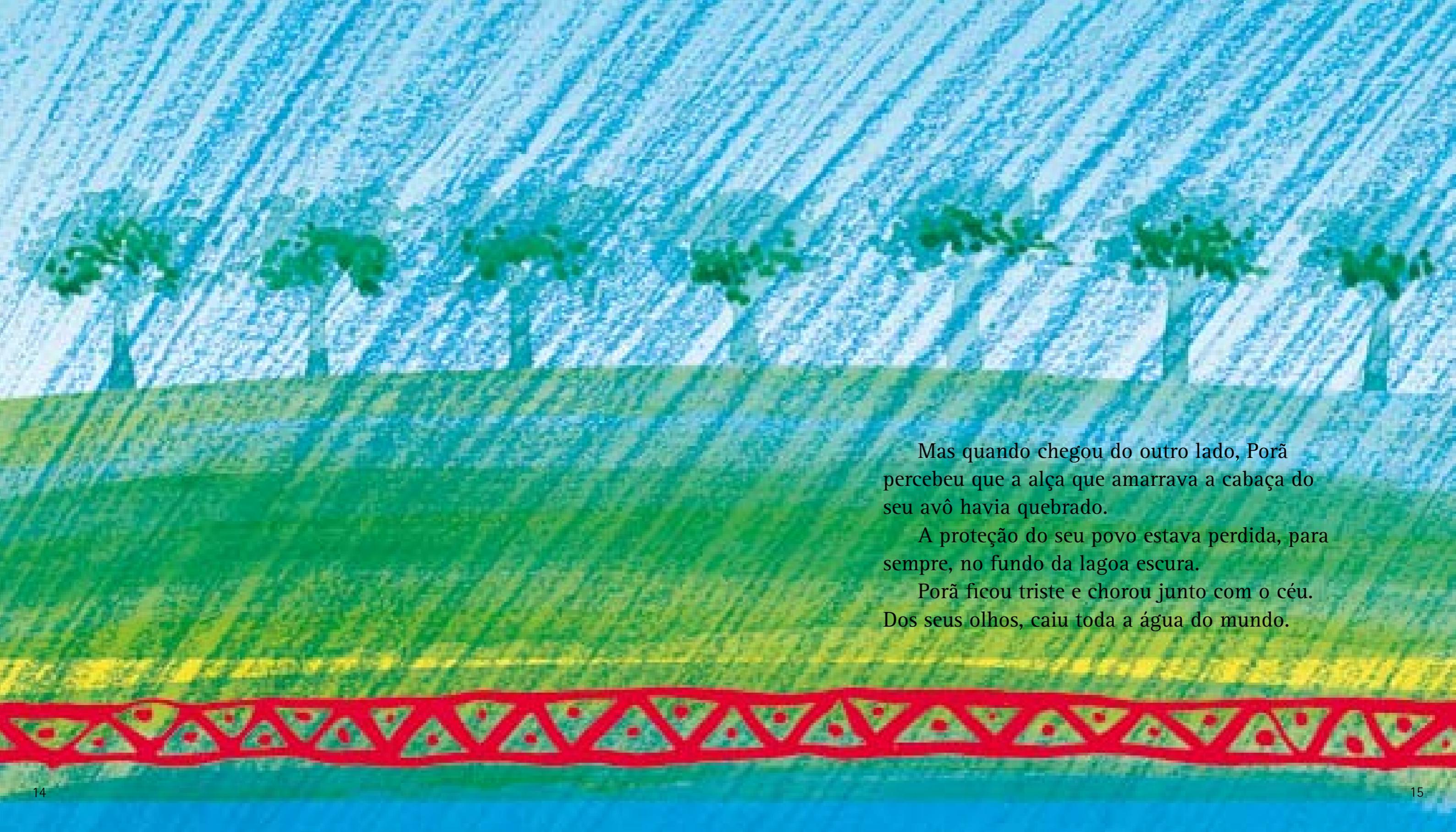


Depois de alguns dias de fuga, o povo de Porã encontrou uma lagoa grande e rasa pelo caminho.

Decidiram que seria mais rápido atravessar a lagoa andando do que contornar a sua margem, tão grande ela era. E assim o fizeram.

Quando já estavam no coração da lagoa, choveu toda a água do mundo de uma só vez. A lagoa, que era rasa, ficou funda e perigosa.

As crianças pequenas, as índias grávidas e os mais velhos só conseguiram atravessar com a ajuda da coragem dos índios mais fortes. Entre eles, estava Porã.

The background of the page is a vibrant, hand-drawn style illustration. It features rolling green hills in the foreground, transitioning into blue water and a yellow horizon line. The sky above is filled with light blue and white diagonal stripes, suggesting clouds or rain.

Mas quando chegou do outro lado, Porã
percebeu que a alça que amarrava a cabaça do
seu avô havia quebrado.

A proteção do seu povo estava perdida, para
sempre, no fundo da lagoa escura.

Porã ficou triste e chorou junto com o céu.
Dos seus olhos, caiu toda a água do mundo.



Mas o tempo passou e curou a tristeza de Porã.

Ele cresceu, sempre forte e corajoso, virou chefe da aldeia e era amado por todos.

Encontraram um lugar para ficar e viveram em paz por muito tempo.

Mas não para sempre.

Porã tinha trinta cajus quando os índios guerreiros colocaram os ouvidos no chão e perceberam que gente inimiga estava a caminho. Mais uma vez precisariam fugir.

Era obrigação de Porã salvar o seu povo, mas ele não sabia para onde ir.

Naquela noite, Porã encontrou Tamandaré nos seus sonhos. Enquanto os dois pescavam na beira de um rio, seu avô lhe deu um recado:

— Quando a gente não sabe aonde ir,
é melhor voltar por onde veio.

Os pés de Porã amanheceram molhados das águas daquele rio. E seu coração, forte como nunca.

Nas primeiras horas do dia, Porã reuniu todo mundo e anunciou que era hora de partir.

Andaram dias e noites, sem saber para onde estava indo. Mas Porã sabia.

Mesmo sem avistar nenhum sinal da lagoa que deveria encontrar, ele confiava no sonho. E seguia sem parar.

Na décima primeira noite, a mais escura de todas, Porã caiu no chão com um grito de dor.

Seu pé estava cortado e sangrava muito.
A caravana parou ali mesmo para passar a noite e cuidar do seu chefe, porque ele não conseguia mais andar.



Porã ficou com muita raiva. Tentou desenterrar a pedra que feriu o seu pé, mas percebeu que aquilo não era uma pedra. Era um pedaço da cabaça perdida de Tamandaré, com seus lindos peixes desenhados.

A cabaça, vazia e quebrada, ficou presa no fundo da lagoa, que agora estava seca.

Nessa noite, Porã dormiu em paz. Agora sabia que estava no caminho certo.

Porã despertou no dia seguinte com a risada alegre dos curumins. A luz do dia mostrou o presente que a noite escondia.





Ao redor da lagoa seca, um círculo de setenta cajueiros jovens e frondosos abraçava e protegia o povo de Porã. Não precisariam mais fugir. As castanhas de Tamandaré não estavam mais perdidas.

Foi o dia mais feliz da vida de Porã.
Era tempo de caju.



Socorro Acioli

Nasceu em Fortaleza, em 1975. Já foi criança, mas teve que crescer. Fez faculdade de Jornalismo, Mestrado em Literatura e trabalha como escritora de livros infantis. Já ganhou vários prêmios literários e estuda muito para escrever cada vez melhor. Foi a Cuba e teve aulas com Gabriel García Márquez. Foi à Alemanha, e trabalhou em uma biblioteca que fica em um castelo de verdade. Mas por mais que viaje pelo mundo, ela nunca esquece do cheiro e do gosto dos cajus da sua infância.



Daniel Diaz

Ilustrador e design gráfico, nasceu em Fortaleza (CE) em 1976. A maior parte de sua produção é destinada ao público infantil. Prova disso é que, no ano de 2005, ele ilustrou e organizou o projeto gráfico do livro ganhador do prêmio de melhor obra infantil, oferecido pela Secretaria de Cultura do Ceará, que também fez jus ao selo de Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. Participou da concepção e coordenação do I Festival Internacional de Ilustradores do Ceará e da Exposição *Ilustração - mil e uma utilidades*, evento anexo à VII Bienal Internacional do Livro do Ceará de 2006. Atualmente, toca projetos editoriais, participa de ações educacionais e ainda encontra fôlego para ilustrar e escrever o blog www.outrosdiaz.blogspot.com